

A FORMA COMO *HABITUS* DO INTELECTO: APROXIMAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA DA *GESTALT* E A EPISTEMOLOGIA DE JOÃO DUNS ESCOTO

Wallece José Silva Lima²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo inquirir se a epistemologia e a metafísica de John Duns Escoto podem atuar como um fundamento objetivo à Forma, teorizada pela psicologia da Gestalt. Espera-se, ao final do texto, demonstrar que o processo epistemológico do ser humano, para Escoto, depende não apenas da intencionalidade, mas também da forma própria do objeto, a qual a inteligência tende. Dessa forma, a "forma" teorizada pela Gestalt tem fundamento não apenas nas estruturas perceptivas do sujeito, mas no objeto mesmo. O trabalho contará de uma Introdução, onde se delimitará os objetivos do trabalho; Desenvolvimento, expondo o pensamento de Escoto e dos teóricos da Gestalt sobre o problema da Forma e, por fim, a Conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia. Escoto. Gestalt. Forma. Conhecimento.

ABSTRACT-

This article aims to inquire whether the epistemology and metaphysics of John Duns Scotus can be an objective foundation to Form, theorized by Gestalt psychology. At the end of this text, it is hoped to demonstrate that the epistemological process of the human being, for Scotus, depends not only on intentionality, but also on the object's own form, to which intelligence tends. By the way, the "form" theorized by Gestalt is based not only on the perceptual structures of the subject, but on the object itself. The work will have an Introduction, where the objectives of the work will be outlined; Development, expounding the thought of Scotus and the Gestalt theorists on the problem of Form and, finally, the Conclusion.

KEYWORDS: Epistemology. Scotus. Gestalt. Form. Knowledge.

INTRODUÇÃO

O problema epistemológico/gnosiológico, área que versa sobre a natureza e a condição de possibilidade do conhecimento humano é de interesse da formação humanista em geral. A

² Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Professor do curso de Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis.

epistemologia³ originou-se nas discussões filosóficas ao longo dos séculos e seus estudos ramificaram-se a diversas áreas do saber: Psicologia, Psiquiatria etc. Pode-se dizer que a pergunta sobre como se dá o processo do conhecimento humano seja ainda uma das principais questões filosófico-científicas que permeiam o eixo de problemas teóricos das ciências que versam sobre a *psique*.

Ao contrário do que comumente se pensa, o problema epistemológico não nasceu a partir da modernidade. Também não se tem ainda uma resposta cabal, satisfatória sobre a compreensão do problema da natureza do conhecimento. A preocupação pela correta colocação do problema epistemológico e a correta colocação do problema, fundamento de teorizações de outras áreas do conhecimento – como a Metafísica e a Lógica, no caso da Filosofia, pode ser encontrada em Platão e em Aristóteles, filósofos que teorizaram de maneira sistemática e orgânica o problema do conhecimento humano. A influência de Platão e de Aristóteles – bem como o *status* do problema deixado por esses filósofos – estendeu-se até a Escolástica, período de efervescente debate filosófico e cujas discussões influenciaram diversas correntes do pensamento contemporâneo.

Contemporaneamente, a Psicologia da Gestalt surgiu como teoria crítica aos modelos naturalistas, atomistas e neopositivistas, tendo como objetivo traçar um novo itinerário teórico a respeito do processo de percepção humana. Tal empreita, indubitavelmente, influenciou as diversas formas de psicoterapias posteriores, como a Gestalt-terapia, oferecendo às terapias uma alternativa teórica distinta do reducionismo atomista e neopositivista, vigentes no início do século XX.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo geral demonstrar como os problemas debatidos pelos filósofos do período clássico e medieval – especificamente, Escoto - ainda figuram entre as preocupações contemporâneas e se apresentam como uma filosofia relevante aos debates atuais a respeito da *psique*. Como objetivo específico, este artigo visa a demonstrar a possibilidade de fundamentação da psicologia da Gestalt nas formulações epistemológicas de John Duns Escoto, especificamente através do conceito de “forma”. Assim, o que se espera, como objetivo específico, é responder à pergunta: o conceito de forma, da Gestalt, pode ser fundamentado pela objetividade metafísica da forma, tal como é compreendida por Escoto?

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica. A realização desta pesquisa se

³ Atualmente, tem-se um conceito de epistemologia diverso daquele que inicialmente deu origem ao termo. Este artigo, deliberadamente, utilizará o termo “epistemologia” em sua significação clássica, ou seja, entendendo-a como a área de estudo que investiga a natureza, os processos e a possibilidade objetiva do conhecimento humano.

dará por livros disponíveis na internet e de nosso acervo pessoal. A relevância acadêmica deste trabalho se dá pela perenidade do problema epistemológico acerca do fundamento das percepções humanas, questões essas que podem ser úteis aos estudos sobre a alma humana, suas paixões e também seu funcionamento.

Este artigo se divide em três partes: Introdução, na qual se levanta o problema norteador deste trabalho; o Desenvolvimento, dividido em duas partes, dedicadas respectivamente à conceituação do pensamento de Escoto e à Psicologia da Gestalt e, por fim, a conclusão, na qual apresenta-se a resposta à tese suscitada, ou seja, se e de que maneira - o fundamento objetivo da forma e do processo de conhecimento das formas, segundo Escoto, podem contribuir à Psicologia da Gestalt.

DESENVOLVIMENTO

Giro epistemológico: a Teoria do Conhecimento como centro da Filosofia de Escoto

A partir do século XIII, a atividade filosófica do período medieval viveu um momento que foi denominado por Vaz como o renascimento da Filosofia enquanto saber autônomo (2002, p. 55). Diversos fatores históricos e conceituais contribuíram para a sedimentação de uma filosofia não mais tomada como apenas “*ancilla theologiae*”. A fim de que não se extrapole os limites do objeto deste artigo, limitar-nos-emos à exposição de um fator somente: a recepção das obras de Aristóteles pelos escolásticos do período supracitado. Tal exposição se justifica pela necessidade deste trabalho de delimitar o problema gnosiológico escolástico.

A partir do século XIII, o período da Idade Média denominado “Escolástica” – cuja extensão temporal abarca do século IX até o século XV, aproximadamente - sofreu influência das traduções das obras de Aristóteles da língua árabe para a língua latina. Segundo Gilson (2001), a incorporação das obras de Aristóteles à produção teórica da escolástica cristã foi uma revolução filosófica; a filosofia medieval, a partir dessa confluência, aprofundou-se na discussão da natureza e da possibilidade de diálogo entre o pensamento do filósofo grego e a estabelecida cosmovisão cristã. No campo da Metafísica – ciência dos primeiros princípios da realidade e área central da filosofia medieval -, destacou-se a influência de Aristóteles na Questão dos Universais, cuja discussão girava em torno da possibilidade mesma da ciência Metafísica e da natureza dos Universais, entendendo “universal” como os dados do

conhecimento intelectual que se apresentam como necessários, essenciais, determinantes, gerais e invariantes de uma realidade particular. A influência do filósofo grego na teorização da fundamentação metafísica das condições de possibilidade de existência dos entes se deu pela defesa daquilo que conveniu denominar “realismo moderado”: a posição metafísica que afirma a existência das realidades universais, mas radicadas necessariamente nos entes particulares (GILSON, 2001).

Como afirma Vaz, (2002), o eixo especulativo da filosofia escolástica do século XIII girou em torno de três grandes problemas: do ser (problema metafísico); da ética (problema do agir) e do conhecer (problema gnosiológico ou epistemológico). Com a entrada da filosofia aristotélica no universo cristão, o problema antropológico-gnosiológico passa a assumir um lugar central nas universidades europeias. À correta colocação do problema da origem do ser, faz-se imprescindível a delimitação da natureza e dos limites do conhecimento humano e da correta colocação das condições de possibilidade de conhecimento do “universal enquanto universal”. O problema epistemológico se torna central aos metafísicos medievais.

Dentre os representantes do giro epistemológico escolástico, destaca-se a figura de John Duns Escoto. O *Doutor Sutil* operou inovadoras considerações no entendimento comum sobre o objeto da Metafísica, ao identificá-lo com o objeto adequado à razão (HONNEFELDER, 2010). Uma vez que, segundo o filósofo, compreendendo que o objeto próprio da metafísica é o *ens generalissimum* (HONNEFELDER, 2010, p. 34), ou seja, o ente enquanto ente em suas determinações universais, este objeto deve ser necessariamente adequado à natureza intelectual humana. Assim, segundo Honnefelder (2010, p. 85), Escoto distingue entre uma metafísica tomada em si e a metafísica em nós, ou seja, uma metafísica concebida aos moldes da natureza da inteligência humana. Resta estabelecer as determinações do princípio de operação do conhecimento humano.

O giro epistemológico escotista, responsável por colocar o problema das possibilidades do conhecimento humano no centro da especulação filosófica, parte da teoria aristotélica da natureza do conhecimento, descrita principalmente na obra *De Anima*, do filósofo grego. A natureza do conhecimento, pela teoria escotista, define-se como a passagem da ordem de conhecimento de um estágio para outro (HONNEFELDER, 2010), sendo assim, pressupõe-se que o processo epistemológico humano necessita de um objeto exterior ao sujeito, embora o citado processo se dê no sujeito. Há uma dupla ocorrência no processo epistemológico: o sujeito que conhece e o objeto conhecido.

O intelecto humano busca a realidade adequada à potência intelectual. Assim, a inteligência humana tende naturalmente a um determinado objeto, fenômeno denominado

“intencionalidade”. À pergunta sobre o objeto da metafísica, levanta-se primeiramente a pergunta sobre qual a realidade adequada ao intelecto. Seguindo a tradição aristotélico-aviceniana, Escoto define o objeto primeiro da metafísica e, conseqüentemente, do conhecimento humano, como o ente. É o ente – o ser sob certa determinação – aquilo que é capaz de mover o conhecimento humano da potência para o ato (HONNEFELDER, 2010).

O processo epistemológico do conhecimento humano, segundo Escoto, passa por dois atos denominados “intuitivos”: uma intuição intelectual e uma intuição sensível (HONNEFELDER, 2010, p. 36). Compreendendo o processo intuitivo como o acesso imediato da inteligência ao objeto, ou seja, um acesso que não passa pelo intermédio do processo abstrativo, pode-se compreender como, para Escoto, o conhecimento é sempre conhecimento de certa unidade. O processo intuitivo, do qual versa o filósofo, corresponde ao primeiro contato do sujeito cognoscente com o objeto conhecido, sendo esse um contato direto.

Portanto, Escoto afirma que já no primeiro contato com o objeto, ponto de partida do conhecimento, o sujeito apreende – mesmo que de maneira vaga a incompleta – a forma⁴ essencial do dado apreendido (HONNEFELDER, 2010). Portanto, a forma essencial de um ente é o objeto primeiro do intelecto; o ser humano conhece o real sob a forma essencial determinante do objeto. Em resumo, ao tomar contato com um dado qualquer do real, o ser humano intui, mesmo que de maneira confusa, os traços essenciais desse objeto. É importante ressaltar que a intuição formal do objeto não implica a apreensão *in totum* ou consciente da essência do objeto, tarefa essa realizada somente após os processos abstrativos e mediatos da consciência.

Ao demonstrar a intuição como ato primário do intelecto e que o intelecto, ao conhecer, naturalmente tende a uma *forma*, Escoto cria um momento ambivalente de continuidade e de ruptura com a filosofia praticada até então. Por um lado, Escoto mantém, da tradição aristotélica, a ideia de que todas as operações do espírito tendem a uma finalidade (ARISTÓTELES, 2018). Assim, a finalidade do intelecto é o inteligível; uma forma que o intelecto é capaz de receber e perceber; toda operação possui um hábito, uma tendência natural, e o *habitus* ao qual o intelecto intenciona é a Forma, realidade abstrata, universal e inteligível, adequada à inteligência.

Por outro lado, Escoto opera uma ruptura com a filosofia vigente ao rejeitar o processo epistemológico como gradação do conhecimento da ordem dos acidentes para a ordem formal. Embora Escoto aceite o conceito de conhecimento como a passagem das ordens do ser (HONNEFELDER, 2010), o filósofo não concebe o processo epistemológico como apreensão primeiramente dos acidentes e, posteriormente, da forma; para Escoto, a forma é apreendida de forma já no primeiro contato intuitivo com o objeto conhecido, método pelo qual o conhecimento humano é possível. Toda percepção é percepção do objeto enquanto objeto. A forma é um elemento real, universal, posterior ao

⁴ O conceito de “Forma”, aqui descrito, distingue do conceito adotado pela psicologia da Gestalt. A forma, sob a ótica dos filósofos medievais diz respeito a uma realidade objetiva, universal e externa ao sujeito, sendo parte integrante da substância.

processo epistemológico e condição de possibilidade do processo de conhecimento, desde a primeira operação da alma.

Psicologia da Gestalt fundamentada na Filosofia

A palavra “Gestalt” vem do alemão, significa “Forma”, e caracteriza-se por perceber nas relações psíquicas um sistema de estruturação, uma configuração de complexas relações analogicamente ligadas (SANTOS, 1954, p. 235). A Psicologia da Gestalt foi criada através dos estudos de Kurt Koffka, Max Weitheimer e Kohler, na passagem do século XIX para o século XX (SANTOS, 1954, p. 235).

Segundo a psicologia da Gestalt, os objetos da percepção “não se reduzem à soma de percepções precisas, mas se apresentam, originalmente, como formas, ou seja, relações estruturais” (REALE, 1990, p. 871). Pode-se afirmar, portanto, que os estudos da Gestalt versam sobre o fenômeno de que a percepção humana não se dá por um processamento atômico dos objetos do mundo exterior, mas, ao contrário, percebem a exterioridade sob uma certa unidade, o que se denomina justamente por “forma” (REALE, 1990, p. 871). Assim, o comportamento humano se condiciona pela percepção de uma totalidade, rejeitando, assim, o modelo atomista de percepção psíquica (SANTOS, 1954, p. 234).

Historicamente, a Gestalt surge de uma percepção crítica da teoria atomista e, posteriormente, crítica também ao comportamentalismo e ao neopositivismo. Crítico ao posicionamento daqueles que afirmam que a percepção se dá através de “átomos sensoriais”, os fundadores da *Gestaltpsychologie* afirmaram que o processo de percepção se dá por meio de “totalidades estruturadas e não por um amontoado de estímulos sensoriais” (REALE, 1990, p. 873). Portanto, toda percepção é percepção *de* alguma forma dada; a intencionalidade epistemológica tem, na forma, o seu *habitus*, ou seja, aquilo para a qual a percepção naturalmente tende.

Ao fundamentar esse posicionamento, a *gestaltpsychologie* estipula um conjunto de leis que guiam a percepção das formas, sobretudo das formas visuais: a lei da proximidade, a lei da igualdade; lei da forma fechada; lei da boa curva (REALE, 1990, p. 873). De modo geral, a percepção, para a psicologia da Gestalt, estrutura-se pela relação figura/fundo, dimensões que, em primeiro plano, formam a concepção de totalidade e estruturam a percepção de mundo exterior (FRAZÃO, 2013, p.103). Segundo Frazão (2013, p. 78), a organização da estrutura visual na relação figura-fundo é contribuição de Edgar Rubin, fenomenólogo e ex-aluno de Husserl, o que demonstra que a Psicologia da Gestalt encontra seus fundamentos na Filosofia.

Pela Psicologia da Forma, tem-se, na história da teoria da percepção, um impulso dos estudos do desenvolvimento da percepção e, também, um modelo de superação das teorias associacionistas, positivistas e atomistas de percepção.

Como dito, a psicologia da Gestalt fundamenta seu arcabouço teórico na Filosofia. Segundo Frazão (2013), o conceito de forma como condição de possibilidade de percepção fundamenta-se na redescoberta da psicologia do ato, de Franz Brentano, e na redescoberta fenomenológica da intencionalidade, por Edmund Husserl. A intencionalidade demonstra como o todo, percebido em sua forma, não se reduz à simples soma das partes; tal ideia reside na intuição primária da forma objetiva, segundo Duns Escoto. O processo intuitivo, enquanto acesso imediato aos dados objetivos, não seria possível se a forma se reduzisse à soma das partes; o processo da percepção seria – na melhor das hipóteses – deficiente. Outra contribuição da Filosofia à Psicologia da Gestalt e, sobretudo, à Gestalt-terapia, encontra-se na intersecção entre as correntes fenomenológicas e existencialistas. A Gestalt-terapia tem como elemento estruturante a percepção do homem enquanto ser relacional e circunstancial, segundo ainda Frazão (2013); um *dasein*, ser que se realiza em um tempo e em uma circunstância. Tal elemento encontra-se fundamentado na ontologia fenomênica do existencialismo, cujo ponto de partida é o homem enquanto existente, ou seja, em sua condição radical.

A herança fenomenológico-existencial é latente na formulação teórica e na formulação clínica da Gestalt. Contudo, a própria fenomenologia, por sua vez, não fundamenta suas premissas em uma descoberta nova. Segundo Maurat (1998), o conceito de “intencionalidade”, chave interpretativa essencial para a Fenomenologia, encontra suas raízes na filosofia medieval. Assim, pode-se afirmar que há um princípio epistemológico que perpassa a história e tem na Gestalt um de seus desdobramentos no campo dos estudos sobre a *psique*, desde as primeiras formulações gnosiológicas gregas, essenciais às formulações escolásticas. Segundo Maurat (1998), a raízes sobre as quais se desenvolve a intencionalidade fenomenológica encontra-se na formulação nominalista da citada Querela dos Universais. A concepção nominalista, por sua vez, embora dissidente das concepções de Escoto, participa de um núcleo-comum à teoria escotista: a relação entre o dado do conhecimento – universal, objetivo e necessário – e o processo intuitivo, que é, por natureza, intuição de um dado particular.

Em resumo, a Gestalt – seja teórica, seja terapêutica – é herdeira indireta da formulação filosófica do problema ontológico-epistemológico da relação entre o dado da percepção, oriundo das realidades particulares, e da percepção da forma, universal e objetiva, resultante

do processo de conhecimento.

CONCLUSÃO: contribuição da filosofia escotista à gestalt

Tem-se, na psicologia da Gestalt, a retomada a um elemento clássico do pensamento filosófico: o intelecto dirigido à forma como possibilidade primeira da percepção do mundo objetivo. Tal constatação fora influenciada, sobretudo, pela redescoberta filosófica do conceito de *intencionalidade*, operada primeiramente por Franz Brentano – filósofo crítico ao psicologismo vigente no início do século XX – e, posteriormente, por Edmund Husserl, fundador da escola fenomenológica (FRAZÃO, 2013). O conceito de intencionalidade diz respeito ao resgate da teoria medieval supracitada de que o intelecto tende naturalmente a um objeto adequado.

Pode-se afirmar, portanto, que a fundamentação da percepção da forma, operada pelos teóricos da Gestalt, encontra lastro na filosofia e, especificamente, no resgate fenomenológico de um conceito escolástico do problema epistemológico, a saber, a constatação de que os processos perceptivos tendem ao objeto próprio: a forma. Diante dessa constatação, pode-se ventilar a possibilidade da aproximação entre as teorias da Gestalt e a tese de John Duns Escoto a respeito da percepção intuitiva da forma. O processo intuitivo, embora confuso, é condição para o processo abstrativo do conhecido, cujas operações se dão nos âmbitos da representação intelectual da forma, sua universalização e a correlação da conceituação com o objeto referido. Portanto, os processos lógicos passam, necessariamente, pela apreensão direta da forma, como objeto primeiro do intelecto.

Contudo, é lícito também – diante o exposto – afirmar que a relação entre as teorias epistemológicas de John Duns Escoto e a psicologia da Gestalt não se resume a apenas a convergências acidentais. O que se procurou neste artigo foi, sobretudo, estabelecer a possibilidade da teoria escotista de fornecer elementos que enriqueçam o debate acerca do fundamento das percepções. Tem-se razões para crer que uma das principais contribuições que a filosofia de Escoto pôde dar à discussão sobre a psicologia das formas se dê justamente no campo da fundamentação do que se denomina “Forma”. A teoria escotista – ancorada em uma tradição filosófica desde Aristóteles – demonstra como o processo epistemológico tende a um objeto adequado à sua natureza; uma intencionalidade. Portanto, à possibilidade da percepção do objeto através de seu esquema formal, é imprescindível a objetividade dessa

forma dada no objeto em si. A fundamentação da percepção objetiva se dá pela percepção de uma forma dada pelo próprio objeto, cuja possibilidade de conhecido se dá pela relação entre a forma objetiva e a natureza perceptiva adequada à forma.

A novidade teórica de Escoto, quer dizer, a percepção da forma já no primeiro contato com o objeto através de uma intuição intelectual da forma desse objeto, demonstra como a percepção da forma é condicionada a dois fatores: a natureza do objeto e a tendência das faculdades intelectivas. Uma vez determinada que cada potência epistemológica (seja sensível ou seja intelectual) é posta em ato por uma substância específica, o conhecimento formal do mundo objetivo só se dá pela possibilidade de percepção das formas e, vice-versa, a possibilidade de apreensão formal só é possível pelas propriedades do objeto mesmo. Assim, através da teoria escotista, pode-se ventilar a possibilidade de que a existência das formas – objeto da psicologia da Gestalt – tenha um fundamento objetivo.

É válido ressaltar que a questão da natureza, origem e processo do conhecimento, não se encerra, para a filosofia escolástica, no problema da percepção dos objetos e nos processos de significação subjetiva desses processos. Ao contrário. Há uma série de considerações ontológicas, lógicas, antropológicas e éticas que devem ser compreendidas como integrantes do processo epistemológico. Dados os limites do objeto deste artigo, abordá-los extrapolaria nosso objetivo inicial. Omite-se, ainda, elementos das polêmicas internas tanto entre os filósofos críticos de Escoto, quanto das discussões entre os próprios psicólogos teóricos da Gestalt, mais uma vez, por não formarem o escopo deste escrito, embora sejam polêmicas ricas e que podem contribuir para o debate.

Este artigo não tem como objeto encerrar o assunto, ou dar uma resposta definitiva à relação entre a Gestalt e a filosofia de Escoto. A pretensão é tão somente ventilar a possibilidade de uma relação de fundamentação da psicologia das formas na teoria epistemológica de John Duns Escoto. Assim, o objetivo principal não foi fechar uma questão mas abrir o caminho para possíveis debates sobre a fundamentação das teorias psicológicas na metafísica e na epistemologia greco-escolástica

Espera-se, ao final deste artigo, demonstrar essa relação como possibilidade de abertura de diálogo interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2018;
- COPLESTON, Fredrick. *Uma história da filosofia*. Campinas: Vide editorial, 2001;
- FRAZÃO, Lilian. *Gestalt-Terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas: 1*. São Paulo: Summus editorial, 2013;
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2001;
- HONNEFELDER, Ludger. *John Duns Scotus*. São Paulo: Edições Loyola, 2010;
- MAURAT, André de. *A metafísica do fenômeno: as Origens Medievais e a Elaboração do Pensamento Fenomenológico*. São Paulo: Editora 34, 1998;
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Volume III*. São Paulo: Paulus, 1990;
- SANTOS, Mario Ferreira dos. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Logos, 1954;
- VAZ, Henrique Claudio de Lima. *Escritos de Filosofia: Raízes da Modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.